

Formação do analista e universidade: algumas dissimetrias¹

Marcia Mello de Lima

Este artigo foi motivado pela pergunta corrente entre aqueles que ensinam e estudam psicanálise na universidade: "por que a universidade jamais poderá formar um psicanalista?". A indagação contém uma certeza antecipada. No entanto, algumas articulações podem ser bem-vindas no sentido de confirmar a dissimetria intransponível entre a formação do psicanalista vinculado a uma Escola de Psicanálise, uma formação por assim dizer permanente, e a formação acadêmica que se obtém na universidade em programas de pós-graduação cujas linhas de pesquisa concentram-se na psicanálise. A intenção é incluir alguns conceitos lacanianos - discurso, semblante, ato psicanalítico e sujeito suposto saber - com o intuito de articular questões relacionadas ao conteúdo da pergunta.

As proposições lacanianas de *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*² esclarecem o descompasso que existe entre os discursos do analista e o da universidade, visto que revelam um antagonismo entre os modos de saber exigidos em ambos. O lado esquerdo da fórmula do discurso universitário mostra que o saber validado pela universidade contém uma modalidade de laço social dominada pelo saber do Outro, S_2 , apoiado no significante-mestre por excelência, o S_1 . Desloca-se na direção de um tudo saber e aciona a tirania do *magister dixit*, uma das versões do mestre contemporâneo e, por que não dizer, uma pedagogia comandada pelo estilo humanista de formação. Do outro lado da fórmula o sujeito se situa na posição de escravo: como aluno ele zela pelo saber do Outro enquanto objeto *a*; porém, em sua

própria posição de sujeito que visa o gozo, ele se encarrega da produção e/ou perda, conforme define Lacan quando estabelece os lugares, as letras e as funções nos discursos. Assim, o operador fundamental do discurso universitário traz a insígnia de um saber que se dirige ao objeto causa de gozo: $S_2 \rightarrow a$.

Além disso, o discurso universitário é um discurso que responde à essência da burocracia: a produção de saber exige competência comprovada e avaliação, bem como a interpretação pautada na citação, na referência e, invariavelmente, na interpretação do *magister dixit*. Esse tipo de orientação calcada em um Outro que efetivamente comanda talvez explique o vazio que muitos experimentam quando concluem suas dissertações e teses, questão que Lacan pontuou no seminário *A angústia*³ quando quis se referir ao sujeito em situação de impasse diante de um desejo realizado. Recentemente um pós-graduando, após ter obtido o título de mestre, disse-me: "Deu um vazio! Antes eu sabia o que queria, havia um trabalho para terminar, e agora, o que faço?".

Que responder quando é impossível tornar o *Unheimlich* freudiano apaziguador? Certamente, diante do vazio é preciso inventar outra coisa. Se há um furo no saber - que, em síntese, refere-se à inexistência da relação sexual -, então só resta inventar um gozo na tentativa de preenchê-lo. Na "Nota italiana"⁴, Lacan insiste nesse ponto: não há verdade toda, ela não serve para nada, só denuncia o saber que é preciso inventar. E propõe uma metáfora deliciosa: o saber funciona como se fosse um forno e a verdade é a lenha que o aquece, então cada um aquece o forno a seu jeito.

Em determinado momento de seu ensino, precisamente a partir de *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*⁵, Lacan passa a utilizar os termos *discurso* e *semblante* em um contexto específico, introduzindo formulações que vinham sendo utilizadas de forma indireta

no seminário anterior. O semblante é um fato de estrutura que converge para uma economia que engloba os registros do simbólico e do imaginário. Todo discurso é semblante e só existe fato enunciado se é fato de discurso. Portanto, a verdade não se opõe ao semblante; ao contrário, ela o sustenta e fornece a função primária da verdade do "eu falo"⁶.

Isso traz consequências importantes ao dispositivo analítico, pois o ponto crucial consiste em fazer girar a práxis em duas direções e indagar, no caso a caso da experiência, o que faz semblante no sintoma e como o real do gozo se expressa em cada um. Os agentes dos quatro discursos - o S_1 do discurso do amo, o S_2 do discurso da universidade, o $\$$ do discurso da histeria e o objeto a do discurso do analista - são incluídos por Lacan no funcionamento de um discurso aparelhado pelos semblantes. Ele aí insere todos os demais significantes, inclusive o Nome-do-Pai, A mulher, o falo, o objeto a e outros que vão sendo justificados na sequência do seminário. Em termos clínicos isso quer dizer que eles se inserem na estrutura e protegem o sujeito face aos inevitáveis encontros com o real, ou seja, "quando os semblantes vacilam". Jacques-Alain Miller⁷ usou a expressão ao considerar que os dois termos - semblante e real - caminham juntos, bastando que o primeiro vacile para que apareça o segundo.

Quanto ao conceito de *ato psicanalítico*, ele não existia, Lacan o inventou e dedicou ao tema os anos de 1967-1968 de seu *Seminário*⁸. Ele fornece novos dados para pensar a distância que separa os dois discursos: o do analista e o da universidade. Na aula de 6 de dezembro de 1967 sublinha que o ensino de psicanálise na universidade não é um ato psicanalítico. Pode ser uma tese, um saber defendido que supõe dialética e antítese, mesmo que nessa última possa haver um ato qualquer que precipite a posição do sujeito - mas não aciona a equivalência com o discurso

do analista. O discurso universitário coloca o saber em posição de semblante.

Uma semana depois, na conferência proferida no Instituto Francês de Nápoles, em 14 de dezembro de 1967, portanto contemporânea ao Seminário sobre *O ato psicanalítico* em curso, Lacan menciona o idealismo de defender a equivalência da Escola com a Universidade. Na conferência, publicada com o título de "O engano do sujeito suposto saber"⁹, Lacan assinala que o inconsciente descoberto por Freud não recai na representação imaginária: pensar assim é "criancice analítica"¹⁰. Referindo-se à equivocação do sujeito suposto saber, critica que "certa obscenidade universitária, que se denomina hermenêutica, encontra seu creme na psicanálise"¹¹. Valoriza o ato falho como paradigmático para a psicanálise. Por isso afirma que há toda uma parte do seu ensino que "não é ato analítico, mas tese, e polêmica inerente a ela, sobre as condições que redobram o engano próprio do ato com um fracasso em sua recaída"¹². Ao ultrapassar o sentido, o engano "promove um nada que se afirma e se impõe pelo fato de sua própria negação apontá-lo para a confirmação de seu efeito, que não faltará na sequência"¹³.

Para ir direto ao ponto que motiva o psicanalista em seu ato, recorro a uma breve intervenção de Lacan feita na Escola Freudiana de Paris, em 3 de novembro de 1973, publicada nas *Lettres de l'École Freudienne de Paris*, à frase radical com que ele define a formação dos analistas: "Não há formação analítica, só há formações do inconsciente"¹⁴. Ele prioriza a relação do sujeito com um saber que o ultrapassa, ou seja, algo que existe sem que ele o saiba, um saber que só aparece no engano do sujeito, um saber que só existe por exclusão, tal como no recalque.

Na época dessa intervenção Lacan estava envolvido com a insatisfação dos membros em aceitar alguns pontos da "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da

Escola”¹⁵. Nela Lacan focaliza os três elos que se entrelaçam borromeamente - o epistêmico, o clínico e o político - e a necessidade de cada membro dar o testemunho de sua passagem como sujeito pela experiência analítica. Trata-se da experiência do passe como modo de transmissão de saber: “o resultado é algo totalmente novo”¹⁶, diz Lacan na “Proposição”. Após o congresso de 1978 da Escola Freudiana de Paris cujo tema era “A transmissão”, Lacan conclui que a psicanálise é intransmissível e que cada analista é forçado a reinventá-la pelo passe¹⁷.

Quanto ao sujeito suposto saber, ele não é exclusivo da psicanálise e nem da universidade. É comum vê-lo presente nas identificações que promovem os laços sociais, nas relações amorosas, nas atividades profissionais, nos rituais religiosos e outros. Porém, no dispositivo analítico ele funciona numa ordem distinta. É um operador na condução do tratamento sustentado pela transferência e se apresenta pluralizado. O primeiro deles é o analisante, o sujeito ativo na experiência que é suposto saber interpretar seu próprio ato sintomático, o ato falho, a insuportável interferência que causa equívoco, mas que desvela no lapso a fala exitosa. O segundo é o analista como parceiro-sintoma: ele é suposto saber interpretar a fala do paciente, mas, de acordo com os princípios da prática, se faz de *tabula rasa*, animado pela paixão da ignorância¹⁸. Essa anulação do saber é o que permite dar lugar à mutação subjetiva do paciente. O terceiro é o inconsciente-intérprete, “uma potência de cifração [...] que opacifica a intenção de dizer ao mesmo tempo que a desdobra”¹⁹.

Para concatenar esse apanhado de conceitos aqui incluídos, convém mencionar a virada teórica processada por Lacan em seu ensino, inclusive para veicular de modo mais transparente o reposicionamento dos conceitos de ato psicanalítico e sujeito suposto saber. No início, a

formulação do inconsciente-mensagem mantém analogia com o inconsciente-saber que decifra as formações do inconsciente, e com o sintoma operado a partir da clínica do Nome-do-Pai. Ela se identifica com o desejo do Outro que tiraniza o objeto *a*, sempre fugidio. Então, nesse momento trata-se de afirmar que "Há o Outro" enquanto sujeito suposto saber.

O movimento do segundo ensino caminha em outra direção. Apela para o corpo pulsional, para a extração do objeto como resíduo de Um-corpo. Em outras palavras, para o isolamento de pequenas fatias do real que, ao mesmo tempo que sinalizam os furos no saber e no corpo, respondem à nomeação do falasser pelo *sinthoma*. Trata-se mais de uma clínica da desidentificação com o desejo do Outro, uma forma de operar o ato analítico para além do pai, com a condição de se servir dele. Assim, a afirmativa se assenta do lado do "Há um corpo" e do sintoma como acontecimento corporal.

O *sinthoma* é um conceito único que supera as clivagens anteriores, anula as fronteiras entre o sintoma e a fantasia, acede ao real e o determina de uma nova forma. No final de análise ele se articula sobre os restos sintomáticos, ou seja, os núcleos do sintoma e da fantasia que não variam. Se a fantasia significa para cada sujeito a fórmula de saber na qual ele é capaz de perceber o que deve ultrapassar, o falasser deve, no final de sua análise, proceder à invenção de um significante novo em sua existência.

Todo *terminus* tem relação com o início, por isso retorno ao que motivou este artigo. O que podemos esperar de um discurso - o universitário - que é o único que se encontra fora da clínica psicanalítica? O que ele pode inventar se a essência do ensino que ali se processa consiste em recobrir o S_1 pelo S_2 fornecendo mais consistência ao que já era arbitrário? Além disso, se esse

recobrimento já se instala no campo da dominância absoluta do saber, como incluir no discurso universitário o espaço de um lapso? Não é o lapso que lhe causa horror?

O ato psicanalítico propõe uma subversão do saber. A anulação do saber é o que permite deixar lugar ao imprevisto para que, no sem-sentido, haja um franqueamento, uma invenção. De forma que, operando com o equívoco, o ato do analista permite que o falasser encontre uma invenção que só é compreendida por ele mesmo, algo referido ao incurável do sintoma. Uma lógica do tratamento analítico que conclui num signo, numa cifra, uma fórmula de parada, um final de análise a partir de um gozo que satisfaz cujos efeitos de verdade se inscrevem no lugar vazio deixado pelo sujeito suposto saber. Afinal, Pierre-Gilles Guéguen²⁰ já havia apontado o lado inessencial do sujeito suposto saber, tal como Lacan afirmara quando propôs à sua Escola o dispositivo do passe, que revela o "des-ser" - um estado de desidentificação - e, além disso, o "inessencial do sujeito suposto saber"²¹.

A psicanálise é intransmissível enquanto saber, somente no dispositivo analítico se acede ao mesmo. Se, enquanto docentes que lidamos no discurso universitário com a busca da verdade, só a encontramos pela via do semblante, então só nos cabe, como psicanalistas, seguir a fala de Lacan na "Nota italiana"²²: apostar numa nova pulsação, a Escola de Psicanálise, e fazer dela, a Escola, um novo amor.

¹ Este texto é uma homenagem póstuma de *Opção Lacaniana Online* à autora, psicanalista, Membro da EBP muito participativa tendo sido, inclusive, Secretária Tesoureira na Diretoria da EBP-Rio do biênio 2007/2009; em paralelo professora desde jovem da UFRJ e UERJ, uma das fundadoras do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ - PGPSA. Este artigo foi publicado originalmente em CALDAS, H. & ALTOÉ, S. (Orgs.). (2009). *Psicanálise, Universidade e Sociedade*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud e PGPSA, p. 125-132. Agradecemos a autorização dos editores para reproduzi-lo aqui.

-
- ² LACAN, J. (1992[1969-1970]). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ³ IDEM. (2005[1962-1963]). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ⁴ IDEM. (2003[1973]). "Nota italiana". In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 315.
- ⁵ IDEM. (2009[1971]). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ⁶ IDEM. *Ibid.*, p. 25-26.
- ⁷ MILLER, J.-A. (2000). "Quand les semblants vacillent". In: *La Cause freudienne - Revue de psychanalyse. Les semblants et le réel*, n° 47. Paris: Navarin Seuil, p. 7-18.
- ⁸ LACAN, J. (1967-1968). *O seminário, livro 15: o ato psicanalítico*. Inédito.
- ⁹ IDEM. (2003[1967]). "O engano do sujeito suposto saber". In: *Outros escritos*. Op. cit.
- ¹⁰ IDEM. *Ibid.*, p. 330.
- ¹¹ IDEM. *Ibid.*, p. 335.
- ¹² IDEM. *Ibid.*, p. 340.
- ¹³ IDEM. *Ibid.*, p. 337.
- ¹⁴ IDEM. (1973). "Intervention à l'EFPP, le 3 novembre 1973". In: *Lettres de l'École Freudienne de Paris*, n° 15. Inédito.
- ¹⁵ IDEM. (2003[1967]). "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola". In: *Outros escritos*. Op. cit.
- ¹⁶ IDEM. *Ibid.*, p. 193.
- ¹⁷ IDEM apud BRIOLE, M.-H. (2002). "Editorial". In: *La Cause freudienne - Revue de psychanalyse. Réinventer la psychanalyse*, n° 50. Paris: Seuil, p. 4-5.
- ¹⁸ LACAN, J. (1998[1955]). "Variantes do tratamento-padrão". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 360-364.
- ¹⁹ MILLER, J.-A. (2006). "Nosso sujeito suposto saber". In: *Opção lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, n° 47. São Paulo: Edições Eólia, p. 12.
- ²⁰ GUÉGUEN, P.-G. (2007). "Sobre o inessencial do sujeito suposto saber". In: *Curinga - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise - MG. A variedade da prática psicanalítica*, n° 25. Belo Horizonte: EBP, p. 27-31.
- ²¹ LACAN, J. (2003[1967]). "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola". In: *Outros escritos*. Op. cit., p. 259.
- ²² IDEM. (2003[1973]). "Nota italiana". In: *Outros Escritos*. Op. cit.